

Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao

"Regenerador Liberal," — OVAR

COMPOSTO E IMPRESSO NA Typ. Fonseca & Filho

Rua da Picaria, 74 — PORTO

DIRECTOR e PROPRIETARIO
Amadeu Peixoto Pinto Leite
SECRETARIO da REDACÇÃO
Manoel Maria Correia Vermelho

ASSIGNATURA
Em Ovar (anno) 1\$000 reis
Com estampilha (anno) 1\$200 »
Brazil e Colonias 1\$500 »

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna. Anuncios e comunicados, 50 reis; repetições 25 reis. Anuncios permanentes, contracto especial. Os surs. assignantes teem o abatimento de 25 por cento.

As cousas como são

Vamos lá, devagar, a passo e a frio, sem exaltação d'espírito nem preconceitos de facção, vêr o que vae por esse mundo de intrigas com que se entreteem os homens publicos e com que se compromette a administração do paiz e a marcha da vida politica da nossa patria.

Os interesses da patria são aquillo em que mais se falla e em que menos se pensa em nossos dias.

E' tal o abastardamento politico que corroe os nossos homens publicos em evidencia que facil é vêr-os envolvidos, para ahi, em questunculas de magro alcance politico e gordó interesse pessoal ou partidario com que muito tem a perder o bom nome do nosso paiz e pouco a lucrar a honra dos nossos politicos.

Não é a boa vontade de servir a patria ou de alcançar gloria á sombra dos sacrificios e trabalhos que um paiz pôde exigir dos seus filhos, o movel que põem em evidencia os transfugas da honra e do dever que se debatem na arena politica e que se impõem á opinião publica como os chefes ou mentores d'uma *claque* partidaria, disposta a acompanhá-los para toda a parte como pintinhos atraz d'uma gallinha choca que lhes reparte as migalhas do thesouro e os recolhe debaixo das azas da irresponsabilidade pessoal.

Hoje o inimigo politico, o rival partidario, não é aquelle que desperdiça as pobres migalhas raspadas á magreza do contribuinte; aquelle que compromette o futuro d'uma nacionalidade pela incompetencia diplomatica deante das côrtes estrangeiras; aquelle que transtorna a vida interna do paiz pela feição accommodaticia do seu temperamento, em fim, aquelle que *governa mal* e abusa dos sellos do Estado, torcendo a lei e retorcendo a honra.

Hoje é inimigo politico, não o que traz, na mala do seu programma, paragraphos avariados e oppostos ás determinações e alvites d'um partido opposto, mas sim aquelle que está no *poder*.

Um ministro é intelligente, é sabedor, é honesto, é honrado, é patriota, é tudo. Os jornaes, até os adversos e contrarios, pindarisam-lhe a intelligencia, a sabedoria, a honestidade, a honradez, o patriotismo, a lealdade politica.

Um dia cáe um ministerio. O rei chama o ministro *pindarisado* a formar gabinete!

Ai d'elle. Os jornaes adversos, os jornaes engraxadores, os jornaes neutros, os jornaes partidarios, os jornaes extra-partidarios, sob a regencia d'uma batuta invisivel, da batuta do odio, da inveja, da malquerença, erguem o hymno diabolico da maldição.

Por todos os cantos do paiz resoa a voz atoadora da diffamação, do ultrage, da vingança, do despeito, do temor e da audacia.

O *crucifige eum* sãe da bocca de todos os *innocentes* politicos.

Succedeu isto com o ministerio de João Franco. A' volta do nome d'este homem honrado e amigo da sua patria e da honra do seu paiz, erguera-se um côro de energumenos ambiciosos e incompetentes.

Os phariseus do constitucionalismo e os judeus executores da republica, clamavam com a lei na mão *crucifige eum* que é dictador; nós

não queremos a dictadura; nós queremos a *lei*, a *sagrada lei* dos nossos paes por que nos temos governado. *Crucifige eum!*

João Franco deixou-lhes a *lei* para elles se governarem por ella. Mais de sete ministerios (sôes) são passados e as leis de João Franco estão de pé. E continua em volta do governo actual a mesma vozearia de energumenos, o mesmo clamor de odios, de invejas, de intrigas, de processos baixos e ruins a contrammar a vida d'um governo que o unico crime que teve é o da passividade, o da inutilidade, doença que tem atacado os ministerios todos que succederam a João Franco.

Velha mania é essa. Porque se ataca o actual governo do sr. Beirão? Que fez elle de mau desde que subiu ao poder? Não fez nada de bom?! E' verdade que nada de util tem feito até agora. Mas por isso mesmo espere-se algum tempo, dê-se-lhe occasião a que attenda ao governo e administração do paiz.

Tolher-lhe o caminho sem motivo justo para tal, é proceder sem correcção e desprezar os interesses da patria, sacrificando-os aos caprichos d'uma vaidade insulsa e descabida. Os unicos que em boa logica estão dentro do seu papel de ataque, são os republicanos. Esses não atacam actos de governo; reprovam, mas não deixam reprová-los isolados dos governos; regeitam formulas politicas incompativeis com o seu sentir e pensar.

E, em melhor logica ainda, os seus ataques deviam ser mais platonicos para sortir melhor effeito a propaganda que se impozeram.

Intervir, em pleno regimen monarchico, nos negocios publicos, desempenhando funcções politicas é comprometter a sua causa, porque é manifestar deante do publico a sua incompetencia para administrar e dirigir uma patria, que muito mais difficil é que estar á frente da Camara Municipal de Lisboa.

Na questão do Credito Predial, o governo nada tem. Se a alguém pôde comprometter o desfalque do banco, é a direcção e aos membros do Conselho fiscal. E a estes principalmente, por isso mesmo que eram os *fiscaes* de todo o pessoal superior e inferior do Banco.

Ora o sr. José Luciano não tem nada, ou pelo menos nada devia ter com o governo. O chefe do gabinete para todos os effeitos e responsabilidades é o sr. Veiga Beirão.

Dizem que é intelligente, honesto e patriota. Esta ultima é uma das virtudes mais importantes e mais raras hoje em homens publicos.

A questão do *Credito Predial* é, pois, um caso de economia bancaria, um caso de interesse particular. Porque querem fazer d'elle uma exploração politica dando-lhe a amplitude d'um grave acontecimento politico?

Sendo um caso de interesse particular, ou de politica geral mesmo, neste caso averiguem-se as responsabilidades. Ha criminosos, sujeitos-se ao poder judicial.

Está envolvido n'um crime o proprio José Luciano de Castro?

Seja preso, julgado, sentenciado!

O governo não está envolvido em crime algum?

Continue no seu papel e abandone-o, se provado fôr o seu crime, á accção do poder judicial, e sacrifique ao bem da patria a amizade d'um velho amigo.

Mas suppunhamos que a intriga dos jornaes, envolvendo o nome de

José Luciano n'um crime, attinge o governo, ferindo-o de morte!

Quem succederá ao sr. Beirão? Prepara-se para essa ascenção o sr. Teixeira de Souza.

Não é infinitamente mais incompetente, no campo da moralidade, que o sr. Beirão, para poder airoosamente formar gabinete?

Mas suppondo ainda que o sr. Teixeira de Souza fosse um poço de honestidade (que não é) não estaria sujeito ao mesmo côro de energumenos que ambicionam o poder?

Ao lado de tres enormes responsaveis no descalabro do Credito Predial, os membros do Conselho fiscal, Pimentel Pinto, marquez de Avila e Silveira Vianna, o sr. Teixeira de Souza poderia fazer frente á vozearia dos politicos preteridos?

E tapando a bocca mesmo aos alpoínistas e republicanos, comprando-lhes o corpo e a alma, taparia a bocca á opinião publica que conhece os dissidentes, roubando a Companhia de Gaz e os republicanos mettendo a mão no bolso aos transeuntes?

Se D. Manoel chamasse á responsabilidade d'um ministerio o sr. Teixeira de Souza, quando este caísse teria de chamar a organizar gabinete. João Brandão se fosse vivo ou Affonso Costa que o representa correcto e augmentado no seculo XX.

DAS AGUAS FURTADAS

De lá acaba de mandar para a esperancosa «Discussão», que ha 15 dias creceu em largura duas letras e em comprimento tres linhas de composição, um artigo tão (in) sensato que elle suppôz irresponsavel e intitulo por isso *sem replica*.

Quer o Beirão apeado do governo para ver se lá anicham o Teixeira de Souza . . . para bém do paiz?

«Se isto é verdade, o sr. Medeiros ou não está em seu juiza ou não sabe o que é o bem do paiz.

Olhe que o Teixeira de Souza é uma calamidade. Quer ver isso rapidamente? Concentre-se. Pense, dois minutos, a quem iria elle confiar a direcção... d'este municipio. Pensou? Ora parta agora do particular para o geral, que o pôde neste caso por excepção, e veja o que seria este paiz governado pelo Teixeira! Ahi tem.

Uma calamidade desde o Caminho ao cabo de S. Vicente, que o sr. parece não ver das... aguas furtadas.

Santo Antonio

Realisa-se no proximo domingo a sua festa na capella do mesmo nome, constando de missa solemne ás 10 e meia da manhã e de vespers e sermão de tarde. Prega o sr. Padre Borges.

E na segunda feira, 13, haverá de tarde na mesma Capella novena de musica do grande thaumaturgo portuguez.

Toma parte no domingo a musica Ovarense, e na segunda feira a Boa União.

Matrizes

Acham-se em reclamação as matrizes prediaes na repartição de fazenda d'este concelho, sobre repartição e lançamento de contribuições no anno corrente.

DE CAVACO

—Olé! Por cá, grande homem! E assim todo liró! Barba feita, cabelo ao lado, bigode frisado, farpella nova! E as botinas de polimento, laços de seda... gravata á *Chantclair*, flor ao peito, alegre que nem uma cotovia, todo lépido, risonho...

—Caramba! não podes ver uma camisa lavada a um pobre!

—Pelo contrario, homem. Não sabes como te gosto de ver assim!

Não é inveja, creatura de Deus. Mas, olha lá, para onde vaes assim tão gaitero?

—Para onde vou assim tão gaitero? Essa é boa!

—Sim! dize lá, para onde vaes?

—E tu d'onde vens?

—Eu venho dos Campos, fui ver se arranjava uma caldeirada de enguias. Ao domingo gosto mais das enguias, porque os gallos deixam-n'as mais em conta.

—Pois eu vou para a missa do dia!

—Para a missa do dia, ás dez horas?

—Dez menos dez, meu caro; mas é que eu gosto de ir um pouco mais cedo.

—Ahi está a influencia da roupa nova, não é verdade?

—Não é tanto assim.

—Mais dez reis de palestra, que ainda tens tempo para assoalhar o fato novo pelo cemiterio.

—Bem. Vamos então a novidades. Que ha de novo?

—Que ha de novo?

Para o saber te impedi eu de ires hoje ao cemiterio vêr os *lettreiros* do Luzes e as florinhas das almas doridas e chorosas! Conta-nos alguma cousa do *Mercado*.

—Que diabo queres que te conte?

—Alli o Neptuno, que está eternamente *escarranchado* sobre a taça, com o forcado nas mãos, ainda continuará por muito tempo a assistir á venda das cebolas que o *sol* da Ribeira faz pular nas regiões do Egypto vareiro?

—Pobre Neptuno! presidiu, prede e presidirá, *per omnia secula seculorum*, á venda das cebolas, ao ajuste da troncha, á escolha dos raios de machado e monopolio das ferragens dos alfajemes de Pardilhó!

—Ora esta? Então Ovar não apañará um Mercado, meu amigo?

—Vae esperando, que pôde apañar!

—O peor já se venceu. Ha accionistas, ha gente grauda a trabalhar, ha boas vontades abertas...

—E boas bolsas fechadas!

—Pois sim, mas acenando aos accionistas com cobranças promettedoras, o capital apparece logo.

—Mas a questão proxima é de local idoneo. Tem-se despovoado muita caveira de velho a matutar no assumpto e tem-se embranquecido muito toutho de novo a dar voltas ao miolo, por causa do logar para o mercado!

Não tenho voto na materia; mas intendo cá para mim que, descentralisar o mercado, é sacrificar-lhe o futuro e tornar improficua a sua utilidade. Desvia-o do centro da villa, da praça, é ir contra a corrente, contra o habito do povo, é edificar uma cidade nas nuvens.

—Effectivamente...

—Olha, homem, o povo vareiro não pensa em trocar a candeia de azeite pela lampada electrica; a charrua grossa, pesada, que lhe abre a leiva ao campo e mortifica a cerviz aos bois, pela charrua de ferro, leve, airosa e elegante que se vae acclimatando nos *aidos* dos lavradores intelligentes.

—Mas o povo a principio é sempre assim. Depois lá vae. Com o *Mercado* havia de succeder o mesmo.

—Enganas-te, homem. O povo d'Ovar tem lá a sua feição especial. Deves lembrar-te d'aquella mudança da praça do peixe, dos Campos para as Pontes da Graça. Pois bem. Hoje se quiz enguias tive de ir aos Campos, ao interior da villa. Com a sardinha dá-se o mesmo, apesar das reclamações da *Hygiene*. Repara ali para aquelle *buraco* que a Camara anda a abrir debaixo da praça da hortaliça! Sacrificou as arvores, sacrificou a *hygiene* da villa, sacrificou os narizes dos seus subditos no tempo do verão, sacrificou e sacrificará sempre o interesse geral ao capricho individual d'um amigo que lhe sonega algumas moedas para... o *cofre* publico!

—Effectivamente...

—E' como as formigas o povo. Feito o trilho por um caminho, nera á mão de Deus Padre se lhe pôde cortar a derrota.

—Effectivamente...

—Effectivamente é assim. Para a levar a effeito, a obra do *Mercado*, deviam tripartit-o em *Praça* de peixe, *Praça* de hortaliças, fructas e legumes e *Praça* de cereaes, pão e miudezas.

Peixe nos Campos; hortaliças ali por cima d'este *buraco* destinado á sardinha.

—E a *Praça* de pão e cereaes?

—Destruir os Paços do Concelho!

—Tens cada uma!

—Só assim é que o povo ficava contente.

—Deixa-te de brincadeira. O caso é serio.

—E' serio e grave, não resta duvida.

—Uns querem-n'o nos Campos, outro entre os rios da Graça, outros na estação, outros...

—Outros devem querel-o no logar onde elle está, que está muito bem. Bastava despropriar a Casa da aula do Condé Ferreira...

—E então tu concordas n'essa amputação á instrução publica?

—Credo! Então não ha ahi tantos logares aptos para a edificação d'uma escola?

—Ahi nesse caso, continua.

—Despropriar tambem o armazem contiguo da familia Salvador. Ficava um terreno largo, arejado, central, perfeitamente idoneo para um *Mercado*. Edifica-o assim, erguel-o ao nivel da Escola, abri-lhe da parte da rua da Graça lojas subterraneas para negocio, um escadorio largo, elegante e apropriado. A' volta d'essa grande praça barracas ou lojas uniformes para venda de carnes, pão, legumes seccos, etc. A parte central com uma bicca d'agua para limpeza e abastecimento do *Mercado*...

—Effectivamente.

—Effectivamente é assim mesmo. O largo dos Campos para o Mercado não dá nada. Ficaria encurralado n'um massico de casas, com falta d'ar e pouco espaço. Os predios do lado do sul ficariam damnificados e mais sombrios do que actualmente estão.

—E no largo da Estação?

—Oh! meu caro, nem pensar nisso. Ficava topographicamente bem situado; mas em pessimas condições. Descentralizado, longe do nucleo da população... Demais teriamos de comer as sardinhas mais sédicas, as cebolas mais caras, as *padas* de Pardilhó mais rijas.

—E o Mercado na fluencia dos rios da Graça?

—Isso! teriam os accionistas d: gastar tanto dinheiro nessa obra

de hydraulica como o governo para fazer a celebre ponte a ligar Parde-lhas com a Torreira.

—Effectivamente...
—Que diabol Tanto effectiva-
mentel
—Effectivamente...
—Effectivamente são quasi onze
horas, e tens de ir á missa.
—Effectivamente são horas.
—Vae com Deus e com nossa
Senhora.
—Effectivamente...

Os nossos presados collegas que acabam de nos visitar «Noticias d'Alcobaça» e «Semana Alcobacense» de 29 de maio e 5 do corrente, dedicam bellos artigos á memoria do Dr. Francisco B. Zagallo, e dão conta de que a camara d'Alcobaça, o Monte-pio e a Junta de parochia, associando-se ao justo sentimento de todos os alcobacenses pela morte do Dr. Zagallo, lançaram nas respectivas actas votos de pesar por tão infausto acontecimento.

A virtude já n'este mundo recebe parte do immenso galardão que a espera depois.

Exames de 1.º e 2.º grau

Os srs. professores particulares e officiaes devem mandar a lista dos alumnos que habilitaram no anno corrente para o 1.º grau de instrução primaria á secretaria da Sub-inspecção de Oliveira d'Azemeis, desde o dia 20 a 30 do corrente.

E os alumnos que tenham de fazer o 2.º grau devem enviar á mesma secretaria os seus requerimentos em papel sem sello, acompanhados das certidões de idade e do exame de 1.º grau, desde 15 a trinta deste mez.

S. João

Prepara-se com toda a sollicitude uma festa d'ensilveirar a vara, ao santo Percursor nos dias 23 e 24 do corrente.

A distinta commissão vem-se mostrando incansavel e quasi não olha a despesas. A capella de S. João será adornada a capricho.

Tocarão no arraial na tarde e noite de 23 até alta madrugada as duas philarmonicas d'esta villa. Para a noitada do fogo está justo grande quantidade de fogo preso e do ar á moda de Vianna, que será d'um effeito deslumbrante. O local será illuminado com mil e duzentos lumes.

No dia 24 haverá ás 10 e meia da manhã missa solemne a grande instrumental. pregará o panegyrico do Santo o Rev. Antonio Maria da Costa e no fim cantar-se-ha a ladainha de Nossa Senhora, sahindo em seguida a procissão. De tarde tocarão no arraial as duas musicas acima referidas até á noite fechada, em que serão queimados alguns bonecos em contradanças de fazerem rir um toiro.

Espera-se grande concorrência... se o dia se pintar.

A familia do saudoso fallecido Padre Francisco Correa Vermelho, profundamente reconhecida, agradece a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-a por occasião d'aquelle passamento.

Ao Rev.º clero que gratuitamente tomou parte no funeral, aqui fica consignado o seu agradecimento.

Ovar, 6 de Junho de 1910.

Novena

Realisa-se no proximo domingo ás tres horas da tarde a conclusão do mez de Maria na capella de S. Miguel, constando de novena e canticos acompanhados a harmonio executados por um grupo de meninas.

E' costume ser esta novena sempre muito concorrida. N'ella será cantado pela primeira vez um emc-ionante «Adeus á Virgem».

Espinho em festa

No domingo preterito pairava na praia de Espinho um movimento extraordinario e imprevisito. O dia encarava-se ameaçador, demasiadamente fresco. A chuva passava por sobre aquella villa envolta nas nuvens pardacentas que auguram mau tempo.

Na avenida do Grande Hotel burburinhava, aos magotes, o povo apinhado que em romaria ia visitar o Hotel, o primeiro d'aquella praia e um dos melhores do paiz.

Toda a rua engalanada de bandeiras e galhardetes, indicava aos forasteiros o que quer que é de festivo e insueto em Espinho.

Era o dia da inauguração do Grande Hotel, edificio pertencente ao nosso caro conterraneo Manoel Maria d'Oliveira Lopes, empreza dos nossos bons amigos Ivo e Herminio Ribeiro.

A fachada do edificio toda embandeirada e vestida a balões venezianos, apresentava um aspecto feérico e deslumbrante.

No Parque que fronteira o Grande Hotel tocou, do magnifico coreto, a banda dos Bombeiros Voluntarios d'Ovar.

Durante o dia, até ás 7 horas da tarde, foi visitado este Hotel por cerca de 5.000 pessoas que se acotovellavam nos corredores e dependencias do edificio, admirando o arrojado do proprietario e o bom gosto dos emprezarios.

Os srs. Ivo e Herminio Ribeiro foram d'uma deferencia inculcavel e d'uma paciencia evangelica, mostrando, explicando tudo a todos os que se apresentavam.

As 7 horas principiou o jantar, servido a duzentos comensaes. Terminou ás 11 horas da noite.

A sala do jantar repleta de flores, ornamentada a capricho, illuminada poderosamente por lampadas electricas, dava a impressão d'um festim principesco, que ia principiar.

Durante o jantar ouviu-se o quarteto sob a regencia do sr. Miguel Alves, acamaradado aos seus collegas os srs. Xisto Lopes, Ramagosa e José Anunes.

O menu foi o seguinte :

Potage á lá Royal.
Poisson garni sauce crevettes.
Filet de boeuf á la macedaine.
Mousse de foie-gras á la Orientale.
Cotelettes de veau aux champignons.

Jambon de lork á la diplomate.
Choux-fleur sauce blanc.
Dindonneaux farcie au cresson.
Dessert—Puding de gabinet.
Charlotte russe á la vanille.
Glace aux fraises e aux januars.
Piecce de nogat monté.
Patisserie assortie.
Fromage et fruits divers.

Vins—Vert et rouge, Collares Blanc, Bucellas, Jerez, Madère, Porto 1815 et Champagne. Café, thé et liqueurs.

Ao dessert iniciou os brindes o sr. Antonio dos Santos Busada, seguindo-se os srs. Rignaud Nogueira, Bartholomeu Severino, Alberto Martins, etc.

A imprensa achava-se lá representada pelos seus enviados especiaes.

Fizeram se representar o «Comercio do Porto», «O Porto», o «Primeiro de Janeiro», a «Palavra», a «Patria» do Porto e o «Regenerador Liberal» d'Ovar.

Sobre o edificio, conforto e grandiosidade do Hotel não fallamos hoje, porque ainda ha pouco nos referimos largamente a essa Empreza, cabendo-nos, então, a honra da primeira visita áquelle estabelecimento, feita pela imprensa.

Pesca

Tem havido trabalho de pesca na costa do Furador, mas o resultado tem sido pouco animador. Não obstante lá tem labutado todos os dias em que o mar o tem eonsentido.

A agiotagem e Leão XIII

A usura não se exerce sómente sob a forma de emprestimo a dinheiro.

Lê-se em Littré: «No sentido proprio, a usura é toda a especie de interesse que produz dinheiro. Por extensão, usura é o lucro que se retira além da taxa legal ou habitual.

A palavra usurario applica-se tambem áquelle que se aproveita das infelicidades ou necessidades de outrem para augmentar a sua fortuna».

Outr'ora a Igreja tomara precauções uteis para impedir esta oppressão, a mais perniciosas que talvez exista para a ordem social.

Depois da Renascença, o direito privado emancipou-se da lei christã; a secularisação das leis e da economia seguiu a dos bens ecclesiasticos.

O papel social publico do Christianismo passou ao estado de recordação. Por isso o egoismo dos tempos pagãos reapareceu agora de novo; inclinam-se deante d'elle, mascarando-o com o nome de acção natural, de lucta pela vida, de liberdade de commercio, etc.

O systema economico baseado sobre o emprestimo a juros reduz ao estado de letra morta o preceito dos Livros Santos que ordena a cada qual trabalhar para viver; torna o seu cumprimento illusorio ou impossivel, fornecendo a alguns o meio de viver do trabalho dos seus semelhantes e de absorver o fructo d'esse trabalho.

Eis as consequencias d'isto :

«Desde ha meio seculo, escreve M. C. Sannet no livro *Le capital, la spéculation et la finance au XX.º siècle*, que se commettem á custa do publico exacções muito mais consideraveis que aquellas que, na idade média primitiva, faziam qualificar certos barões de *excoriatores rusticorum*.

... Estas especulações gigantes cas sobre as mercadorias de primeira necessidade, as grandes concentrações industriaes, os *Corners* e os *Trusts* não se fazem exclusivamente na America».

E ao mesmo tempo, Winterer pergunta a si proprio se não foi uma «fraude social» ter permitido ao capital, ao dinheiro, o papel preponderante que elle hoje disfructa. («Le socialisme international»).

Effectivamente, dois dos grandes males que pezam sobre a sociedade contemporanea são a agiotagem e o monopolio, estas duas ultimas formas da usura.

A *agiotagem*, segundo a definição de Aguesseau, consiste em manobras tendo por fim provocar artificialmente a alta ou a baixa.

Quanto ao *monopolio*, é a constituição de uma sociedade de particulares com o fim de supprimir a concorrência.

O monopolista procura, como o agiota, com as suas manobras produzir a alta ou a baixa, ou antes, uma e outra alternativamente, e além d'isso assegurar-se, durante um tempo mais ou menos longo, o monopolio do mercado.

Manobras fraudulentas e constituição d'um monopolio artificial, eis duas oppressões pelo dinheiro, eis dois abusos da riqueza.

Contra estes males innegaveis, o que fazem os governos?

Em 1885, quando se discutia a lei sobre os mercados a praso, o governo francez, expondo os motivos da lei, declarava que não se podia pensar em attingir «os syndicatos financeiros que se tornaram um facto corrente e talvez mesmo necessario».

Leão XIII, diz :

«Uma usura devoradora veio augmentar ainda o mal. Condemnada diversas vezes pelo julgamento da Igreja, não cessou de ser praticada sob uma outra forma, por homens ávidos de ganho e d'uma insaciavel cupidez».

O que é esta usura voraz? Não é certamente a usura sob a sua forma antiga, condemnada tantas vezes pela Igreja; e a nova forma de usura, de que acabamos de fallar, e pela qual se exerce a insaciavel cupidéz dos homens ávidos de ganho.

Por isso, diz ainda Leão XIII: «Os ricos devem prohibir-se religiosamente todo o acto violento, toda a fraude, toda a *manobra usuraria* que seja de natureza a attingir o pobre».

As diversas formas da usura moderna e as diversas cathogorias d'estes usurarios, perseguem hodiernamente as classes pobres.

Os usurarios dos nossos dias aproveitam-se das desgraças, das necessidades alheias para augmentar sua fortuna.

E' neste largo sentido que o espirito christão comprehende a usura d'hoje, quando a estigmatiza e quando vê n'ella o maior perigo social.

Leão XIII, como tão justamente nota Dehon no seu bello livro sobre a usura (1), ajustou-se de novo á tradição da Igreja, lançando o anathema contra este abuso da riqueza.

Billiet.

(1) *L'usure au temps présent*, par F. Dehon.

CARTA DE COIMBRA

A peregrinação á Carregosa

Eram duas horas da madrugada do dia 29, quando abalava de Coimbra o comboio conduzindo 300 e tantos peregrinos, na ancia sublime de renderem homenagem á Virgem de Lourdes venerada em Carregosa.

A peregrinação, que fora organizada pelo Centro Academico Democracia Christã, compunha-se de estudantes da Universidade, do Lyceu, do Seminario, e de outras pessoas da mesma cidade.

Até Espinho nada de notavel. A frescura d'uma manhã nebulosa, uma noute quasi perdida entorpecia os peregrinos.

Chegados que foram á formosa praia, grupos de rapazes aproveitaram o pequeno espaço de tempo de que dispunham para vêr o mar, para alongar a vista pelo horizonte indefinido das aguas. Espelho de Deus que o sol nascente já doirava.

Pouco depois déra o signal de partida na estação do caminho de ferro do Valle do Vouga, e os peregrinos lá foram agitando as capas, e entoando aquellos canticos em honra da Virgem, em que os cren-tes julgam ouvir pedaços da musica dos anjos, e os incredulos detestam como se fossem rugidos do inferno.

Em Paços de Brandão aguardava-nos uma multidão enorme que nos ovacionou entusiastica e estrepitosamente.

Em S. João de Ver, cento e tantas Filhas de Maria incorporaram-se na peregrinação.

Mais alem no Couto de Cucujães esperava-nos o povo das localidades vizinhas. O combcio entrou nas agulhas ao som do hymno nacional executado pela banda de Cucujães, e ao ruído d'uma multidão que nos saudava e aclamava a Immaculada.

Chegamos finalmente a Oliveira d'Azemeis. Distava ainda nove kilometros a Carregosa. Não importa. Uns em automoveis, outros em char-à-banes e carros de bois, outros a pé, lá foram todos.

Em Carregosa fomos recebidos pela população d'alli e das freguezias circumvisinhas com os seus parochos. O dig.º prior de Codal leu uma mensagem de boas vindas.

As dez horas pouco mais ou menos organisou-se junto da igreja parochial a procissão dos peregrinos, que d'alli se devia dirigir á formosa capella de N. S. de Lourdes, situada na magnifica quinta do Snr. Bispo Conde. A philarmonica de Carregosa, e muito povo incorporaram-se.

Na Capella aguardava-nos o Snr. Bispo Conde que sentidamente fez uma oração á Virgem, e nos louvou o procedimento extranho n'estes tempos de impiedade, e a actividade incançavel do antigo e do actual presidente do actual presidente do C. A. D. C., os snrs. D. José de Lencastre e Carlos Mendes.

Depois tudo debandou para almocar. No entretanto, junto das duas longas mezas em que comiam os peregrinos, a musica de Carregosa executou alguns trechos do seu variado repertorio. Houve-se bem. E

era interessante ver a fraternidade e a simplicidade com que tudo decorria, e o respeito de centenas de pessoas que nos circundavam.

Ao meio dia principiou a missa solemne celebrada pelo snr. Bispo Conde. E depois do evangelho discursou esplendidamente o snr. Dr. José Correia, de Vizeu, antigo socio do C. A. D. C. e orador de reputação já assegurada.

Em seguida effectuou-se o jantar, que foi servido no meio do maior entusiasmo.

Quasi no principio appareceu o snr. Bispo Conde, o snr. Bispo do Porto que tinha chegado durante a missa, o snr. D. Prior de Cedofeita, e o snr. Conego Adelino Aguiar, que foram carinhosamente rodeados, e sinceramente festejados por todos os peregrinos, e por todas as pessoas que n'esse momento estavam presentes.

O venerando Prelado devia estar satisfeito. Um sorriso santo e alegre pairava-lhe nos labios.

Pouco depois do jantar soara a hora do regresso, e em cada peregrino havia um gesto de saudade.

Parecia terminada a festa. Mas não. Em todas as estações da linha do Valle do Vouga, desde Oliveira a Oleiros, succediam-se as manifestações, estralavam os foguetes, e bandas tocavam o hymno nacional. No Couto, em S. João da Madeira, na Feira, em S. João de Ver, em Paços de Brandão, em Sampaio—Oleiros.

Depois de anoitecer, as margens da linha tinham um aspecto deslumbrante, mesmo feérico. Centenas de fogueiras e archotes illuminavam as redondezas.

Tudo correu bem; apenas um disabor insignificante succedeu em Oliveira d'Azemeis.

Meia duzia de individuos, d'aquelles que julgam a liberdade como a comprehendia Marat, soltaram alguns vivas subversivos, e morras indecorosas, que foram immediatamente abafados pela muita gente que se encontrava na gare. Uma cousa simples e passageira. Oliveira d'Azemeis não teve culpa.

De resto, tudo bem, como já disse. Cada peregrino trouxe uma impressão iriada e inolvidavel. E a direcção do Centro Academico Democracia Christã viu effectivado um dos seus sonhos.

Um que foi a Carregosa.

BOLETTIM ELEGANTE

Faz annos no dia 13 do corrente o menino Antonio Lopes Guilherme, filhinho do nosso particular amigo Manoel Lopes Guilherme. Por este motivo foi brindado por seu padrinho, sr. Francisco Lopes Guilherme, com um lindo e valioso relógio e corrente d'ouro.

Parabens. —Hoje a menina Alzira Motta e Pinho, filha do nosso presado amigo sr. Sebastião da Motta.

—Completoou 20 annos no dia 1.º de maio o sr. Alvaro Farraia, filho do nosso presado amigo sr. Antonio da Cunha Farraia.

—Com feliz exito deu á luz uma linda creança do sexo masculino a dedicada esposa do nosso bom amigo José Fernandes da Graça, pelo que lhe apresentamos os nossos effusivos cumprimentos.

—Estão em Lisboa de visita a sua irmã Rosa, o nosso bom amigo Gonçalo Ferreira Dias e sua mana Gloria.

—Tem passado encommodada de saude a dedicada esposa do sr. Manoel Marques da Silva e irmã do nosso amigo sr. Lino Pereira Leça, de Esmoriz.

—Cumprimentamos na semana ultima nesta villa o rev.º parochio de Alfena, Padre Manoel Vieira Leite.

—Foi ministrado, na igreja d'esta villa, no domingo, pelas 3 horas da tarde, o sacramento do baptismo a um filhinho do nosso presado amigo sr. Manoel Maria Rodrigues Brandão, o qual recebeu o nome de Francisco. Paranimpharam os ex.ºs srs. Francisco Lopes Guilherme e D. Maria José de Jesus.

—E na parochial de Esmoriz foi

tambem baptisada no mesmo dia uma filha, a primeira de seu auspicioso consorcio, do nosso amigo e patricio José Pacheco Polonia, á qual poseram o nome de Antonietta Natalia.

Assistiram ao acto os avós maternos e paternos da neophita e as cunhadas e irmãs d'aquelle nosso amigo.

Foram padrinhos a ex.^{ma} sr.^a D. Thereza Polonia e o sr. Antonio Francisco d'Almeida, seus avós.

Cumprimentamos as duas distinctas familias pela doce alegria que encheu seus lares.

—Acha-se quasi restabelecido dos seus encommodos o sr. João da Silva Alminha.

—Já regressou de Lisboa o sr. Antonio Gomes da Silva.

—Em viagem de recreio partiu com sua ex.^{ma} esposa para Hespanha e Paris o sr. José Antonio Pires de Rezende, dignissimo pharmaceutico, e vice-presidente da camara municipal de Espinho.

—Passou no dia 5 o seu anniversario a Ex.^{ma} Sr.^a D. Clemencia Dupin. Muitos parabens.

—Deu á luz uma robusta menina a esposa do nosso amigo sr. Serra, digno chefe da estação d'esta villa.

Mãe e filha passam bem, pelo que enviamos muitas felicitações.

—Faz annos amanhá o nosso presado amigo sr. José d'Oliveira Cunha, a quem appresentamos sinceros parabens.

—Olha, comadre! exclamou para a gallinha um pato mais ratão. saltando uma sonora gargalhada. Para lá vão, para lá vão tambem aquelles!

E todo o bando rompeu, batendo as azas, numa assoada es repitosa, entrecortada pelo pipilar penetrante dos pintainhos, que diziam: aquillo é que é vida! aquillo é que é vida! e a quem a gallinha um tanto aborrecida e contrariada impunha silencio com voz roufenha: calai-vos, calai-vos!

Que quererá dizer tudo isto? dissemos com os nossos botões. E um garoto, que nesse momento se aproximava, pousou na guarda da ponte o seu cestito, onde, com as pernas amarradas com um barbante e as cabeças penduradas para fóra, conduzia tres franganitos todos secias e esportos.

—Compadre! grita a gallinha choca, mal os viu. E' para aquillo que a gente os cria com tantas cancelas e afflicções.

E baixou o olhar enternecido ao rancho dos pintos, que em redor esgaravavam.

E todo o bando de nadadores rompeu em nova assoada aos peraltas do cestito, fitando-os com ar de troça.

A gallinha suspirou e, arrebitando o bico compadecido para os secias, inquiriu:

—Olé! sabeis para onde ides?

—Ora essal para o mercado! respondeu um com arrogancia.

—Perdão! para a praça das gallinhas.

—Que praça de gallinhas, grande chocal! Agora não ha praça, ha mercado. Ora a tonta da velha!

—Ides então para lá...

—Passear. Não vês como vamos catitas?

—E que é o mercado? que differença faz da praça?

—E' boa! o mercado é uma casa de luxo, uma assembleia, um passeio de tom.

—E onde fica?

—Inda num xe xabe! acudiu um galispo choroso a quem na capoeira pegaram de modo que lhe esfarraparam uma gambia.

—A minha patrão tem bilhete annual.

—Então para entrar no mercado é preciso bilhete?

—Olé! e pagar um tanto. Aquillo é caro, mas é bom e bonito.

—Como estas enganado! interveio um pato dos mais sisudos. Por ora nem é bom nem é bonito, porque ainda não ha mercado.

—Perdão, sr. marreco, mas isso é que ha, tornou o galispo. Tem-se fallado tanto...

—Deixa fallar quem falla. Trago lá pessoa de familia e estou por ella informado de que mercado ainda não existe, nem existirá tão cedo. Mas sei que o peor está conseguido, que é a ideia. Essa sim, existe bem creada e nutrida. E' já muito, é mesmo uma gloria para a terra, mas não é tudo. Mercado é que não ha.

—Sim?... commentaram de crista murcha os tres galisos. Então lá vamos passar á praça das gallinhas, que, segundo nossa avosinha, é feia feia, feial...

de ser padre, pois queria casar com ella?

—Ora, ora, snr. reitor, essa é de mais. Ha de perdoar, mas essa...

—E se eu te disser que elle lhe deu um beijo?—acrescentou o padre, em tom confidencial.

—Um beijo!

—E se eu te disser que elle, todos os dias, me sae da aula ás cinco horas, e passa o resto da santa tarde junto da pequena?

—Ora o rapazinho!

—Então já vês que não convem fazel-o padre. Para dar maus exemplos, temos cá, infelizmente, bastantes. E quando o panno é assim em amostra, que fará a peça inteira!

—Mas que lhe havemos de fazer agora?

—Se te guiares pelos meus conselhos, ahi tens um plano: deixa-te de ordenar o rapaz. Pega n'elle e remette-m'o quanto antes para um collegio, onde lhe não deixem pôr o pé em ramo verde. Fal-o depois medico... advogado... o que quizeres e que a elle não repugne.

—Então quer dizer que o mande para Coimbra?

E calaram-se melancolicos. A gallinha suspirou absorvida em fndas cogitações e disse, como respondendo ao seu pensamento:

—Quem nunca fóra mãe e já de lá não viera!

—Da praça? Então que tem lá isso? Não vão elles passear? perguntou um pato, curioso, pelo modo de compunção com que fallou a comadre gallinha.

—Que tem? essa pergunta só a fará quem nunca se viu á borda dum cesto na praça. Como esses pobretos vão enganados! Vem uma selvagem d'uma sopeira, ergue-nos ao ar, pendura-nos pelas pernas, levanta-nos as azas, dá-nos mil voltas, aperta dum lado, aperta do outro, que é bom não nos arrancar pelle e pennas.

Depois diz umas coisas que ninguem intende, agita-nos assim como quem quer ver se pesamos muito, que até é bom não se deitar a moella pelo bico fóra e em seguida atira-nos outra vez para o cesto e vai-se embora. Depois vem outra e outra e sempre o mesmo martyrio.

O rancho dos patos acerca-se interessado a ouvir a horrenda descripção e abria os bicos em signal de espanto, em quanto os pintos se aconchegavam tremendo sob as azas da gallinha, chorando: mãisinha, mãisinha!

No fim diz o tal pato sisudo:

—E eu a pensar que esses infelizes iam a passeio!

—E nós! E nós! berraram todos.

—A passeio?... Coitados! não está mau passeio. O que vos sei dizer é que a sopeira que me tirou do cesto trouxe-me para casa pendurada pelas pernas. Então é que eu vi modos de morrer. Nem vos sei contar a afflicção que experimentei: tinha momentos que sentia suores frios e a vista a tremer e a nublar-se. Outras vezes vinham-me aquelles grandes calores, aquelle peso e dor de cabeça e uma ouraça que me fazia quasi perder os sentidos, e deitar agua pelo bico. A's vezes tinha fortes tremuras e julgava que ia morrer. E a maldita sopeira trouxe-me assim um ror de tempo, dando mil voltas na praça e depois até casa.

Por isso é que eu digo, coitada de quem os cria para os levarem depois á praça.

O auditorio tinha subido do espanto ao pasmo e estava horrorizado.

—Mas então ninguem lá é por nós, comadrinha? gritou estarecido um pato.

—Qual?... Ainda a semana passada ahi passou por essa estrada uma raposa d'um homem com uma irmã nossa pendurada pelas pernas, a correr, a correr.

Ai que afflicção eu tive! Nem quiz que estes innocentes vissem.

—Malvado! Malvado! exclamaram todos.

—Olhai, eu era até de opinião de que nunca se fizesse mercado. Elle só servirá para agravar a nossa sorte. As apalpadellas serão então mais fortes e mais dolorosas.

—Apoiado! apoiado! exclamaram todos em unisono.

E agitando as azas num estreme-

—Para Coimbra?... Eu sei... Homem, a fallar a verdade, semente d'esta em Coimbra, é para dar uns fructos por ahi além. Para o Porto, onde elle possa estar sob as vistas dos parentes que lá tens, vae muito melhor. Põe-m'o a cirurgião. Elles hoje, dizem, que saem de lá como de Coimbra, e olha que é uma boa carreira. O nosso João Semana está velho, e, morrendo elle, não temos por aqui mais ninguem. Mas é preciso tratar já d'isso. Impõe-me o rapaz d'aqui para fóra, se queres fazer d'elle alguma cousa de geito.

—Mas, o snr. reitor, e quem era a cachopa?

—Isso agora é que já não é da tua conta. Faze o que eu te digo, e deixa o resto.

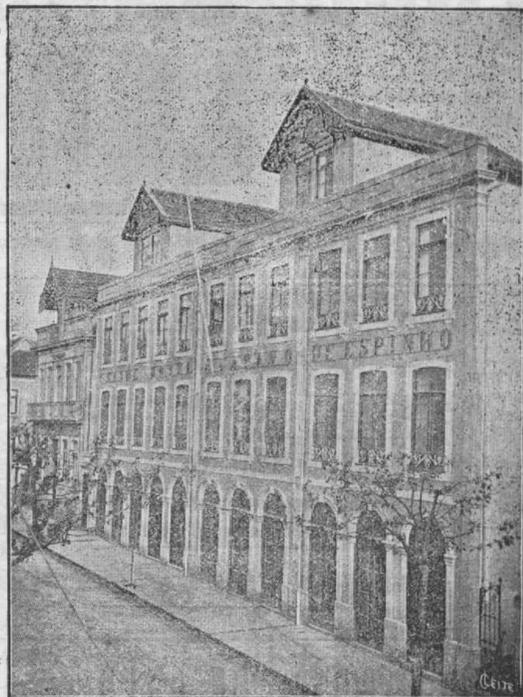
E, n'estes termos, se separaram os dois, tomando cada um a direcção da casa.

José das Dornas ainda esteve por algum tempo impressionado com o que lhe acabára de dizer o reitor.

Ha noticias de uma digestão demorada e laboriosa, como a de certos alimentos.

Emquanto ella dura, o espirito

GRANDE HOTEL E CASINO DE ESPINHO



O unico hotel que nas pralás de Portugal tem cozinha especial para o regimen dietetico Gereziano

PARA TODAS AS INDICAÇÕES

No Gerez, **Hotel Ribeiro**

No Porto, **Hotel Bragança**: Entre - Paredes e **Bazar do Porto**, Santa Catharina' 160.

Hotel de primeira ordem

Situado no melhor local Aberto desde 1 de junho

TUDO O CONFORTO MODERNO

Correspondencia a **RIBEIRO & IRMÃO** — Telephone, 5

Endereço telegraphico, **GRANDOTEL — ESPINHO**

ção de horror, atufaram-se na corrente.

A gallinha voltou, no silencio das grandes dôres, ao seu afan. O rapazito tomou o cesto em direcção á praça e eu segui o meu caminho meditando na immensa gloria da genial ideia do mercado e parafusando nas fortes apalpadellas a que elle viria dar origem.

Missa em acção de graças

Mandou resar ante-hontem pelas 7 horas da manhã, na ermida de S. João, uma missa em acção de graças pelo seu feliz regresso á patria, o nosso presado amigo sr. Francisco Lopes da Silva, ultimamente chegado do Pará, assistindo toda a familia e alguns amigos seus.

Foi celebrante o reverendo José Maria Maia de Rezende.

Acto continuo a quelle nosso bom amigo brindou os convidados com um delicioso copo d'agua, gentilmente servido em sua casa, no logar de S. João.

Em Avanca

Tem logar no dia 12 em Avanca a festividade de Santo Antonio, indo lá tocar de tarde a philharmonica «Ovarense».

não se acha á vontade e como que se agita sob a influencia de uma incommoda sensação; mas, pouco a pouco, opéra-se um intimo trabalho assimilador, acalma-se a especie de febre digestiva, que acompanhára aquella elaboração mental, e tudo entra na ordem. A noticia, que nos impressionára, perde emfim quanto se nos havia figurado ter de estranho; sentimo-nos mais livres, e em mais felizes disposições para encararmos os factos.

Assim aconteceu com José das Dornas: o que, ao principio, lhe avultára como calamidade, acabou por se transformar em uma cousa naturalissima e engraçada até; o que lhe parecerá desmoronamento de um bello edificio em construcção, convenceu-se em pouco tempo que não passava de uma reforma preparatoria para futuro melhor; e de carrancudo e pezaroso que ficara ao principio, acabou por se tornar prazenteiro e quasi risonho.

—O rapaz sae-me da pelle do diabo! Com que, já tinha tambem a sua conversada! Havia mister! Ah! ah! ah! E o reitor atrapalhado!

A CARTILHA DOS REPUBLICANOS

Inimigos da alma republicana

São três:

- O chanfalho da Guarda Municipal.
- «O Povo d'Aveiro».
- E a «Margarida das Flores».

Preceitos da Synagoga democratica

São cinco:

- 1.º Ouvir, n'um comicio contra a *Instrucção Criminal*, um discurso inteiro saído da bocca evangelica do doce Bernardino.
- 2.º Confessar em publico, ao menos uma vez cada anno, que a *Intentona dos talassas*, não fóra uma santa historia.
- 3.º Espetar o garfo do arranjismo no presunto monarchico, para matar a fome á tripa republicana.
- 4.º Comer de magro emquanto o vintem dos pepinos for pezando em cada kilo de carne alfacinha.
- 5.º Pagar o *diçimo á Lucta*, sem esquecer as *premicias* ao «Corneim da Margarida», a grande escóra do Jacobinismo lusitano.

Ah! ah! ah! Agora é que eu lhe acho graça! E como elle soube dizer que não havia de ser padre, porque queria casar! Ora o rapazinho! Esperto é elle! oh lá! Mas como diabo o ouviu o reitor? A fallar a verdade... o pequeno tem razão. Eu, que tão bem me dei com aquella santa, que está no céo, como havia de obrigar um filho meu a não gostar de uma felicidade como a minha? Deixar o rapaz... Quer casar?... Faz elle muito bem. Deus lhe depare uma boa cachopa, que seja mulher de casa... Mas quem seria a tal? Isso é que o padre não diz. Pois hei de saber-o. Sempre mandarei o pequeno para o Porto... E que dúvida? Nas terras grandes é que se fazem os homens... Ha de ser cirurgião, se quizer. O reitor lá n'isso diz bem. O João Semana está acabado... Padres não faltam... e com a esperteza do Daniel, era uma pena não fazer d'elle outra coisa... Ai o rapazinho que é os meus peccados! Ah! ah! ah! Sume-te! Já tem o sangue na guelra. Madruga!

(Continúa).

Scena á chantecler

SUMMARIO: Debaixo da ponte de ferro. Dialogo entre uma gallinha choca, um bando de patos e tres galisos. Onde fica o mercado? Inda nun xe xabe. Lá paga-se um tanto por bico. Horrores da praça, barbaridade das sopeiras, apalpadella de levar coiro e cabelo.

Um sabbado de manhã, ao passar ali ás pontes, deparamos com uma scena chantecler, que ao mesmo tempo nos surprehendeu e deliciou.

Nella se vislumbavam cautelosas allusões a factos ahi occorridos ou prestes a consumir-se e se fazia a mais justa censura a um barbaro costume, que todos os dias ahi se segue e consente sem a menor reluctancia.

Proximo da ponte de ferro mergulhavam e singravam na corrente, alguns patos de peito largo e collo alto, saltando grasnidos de contentamento, de certo por se verem a horas tão matinaes vogando e pinchando no seu elemento. Uma gallinhachoca esgaravava attentamente a um lado, no leito secco do rio, em cata d'alguns bichitos para a bella e pipilante ninhada, que trazia em redor.

Debruçamo-nos sobre o parapeto a contemplar aquelle pagode e afan gallinaceo. Nesse momento, pela ponte passavam, de cabeça erguida, a destacar-se na alvura das toalhas de franja, sobre a borda dos açafates d'alguns transeuntes, gallos de crista vermelha comprida e larga.

(13) FOLHETIM

JULIO DINIZ

AS PUPILLAS

DO

SENHOR REITOR

Chronica d'aldeia

—Que diz, snr. reitor!—exclamou a final José das Dornas, atrazado já uns cinco ou seis passos, e na mesma posição em que o deixára a revelação.

—O que seil!—respondeu o reitor, com eloquente laconismo.

—Em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo!—Está o mundo roto!—Pois o rapaz... O snr. reitor, palavra, que, se fosse outra pessoa que m'o dissesse, eu não acreditava.

—E se eu te afirmar que vi, com os meus olhos, o teu Daniel, sentado no monte ao pé da rapariga, cantando juntos, lendo juntos, e affirmando-lhe o rapaz que nunca ha

HISTOGENO

Unico medicamento adoptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitais da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da TUBERCULOSE, Dia-

bettes, Anemia, Neurasthenia e doencas consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem a

TUBERCULOSE
O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis.

LLOPIS

Preaver contra os productos similares que na pratica tem demonstrado se alteram, produzindo effectos contrarios e prejudiciaes a saude.

Feça-se sempre o **Histogeno Llopis** Unico que cura Unico Inalteravel

Para a cura da **DIABETES** preparamos o *histogeno anti-diabetico*, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos a tratamento do *Histogeno anti-diabetico*.

Formas do **Histogeno Llopis** **Histogeno liquido.** — **Histogeno granulado.** **Histogeno anti-diabetico.**

Preço do **Histogeno Llopis** **FRASCO GRANDE, 1\$100 reis.** — **FRASCO PEQUENO, offerta GRATIS** aos pobres do Dispensario anti-tuberculoso, Santa Casa da Misericordia e Hospital do Rego.

Vende-se em todas as farmacias e drogarias. Representantes geraes em Portugal: em Lisboa, C. Mahony & Amaral, Limitada, rua d'El-Rei, 73-2.º — No Porto: Antonio Cerqueira da Motta & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, 115.

ARMAZENS da CAPELLA

A primeira casa das Carmelitas n.º 70
PORTO

Grande sortimento de casimiras para fatos, Tecidos de lã algodão, linho e seda para vestidos, tapetes, malhas, confecções para senhoras, modas, pannos crus, morins etc., etc.

Vendas a preços baratissimos

FABRICA DE TELHA DE OVAR

Os preços da telha d'esta fabrica, actualmente, tanto na fabrica como no caes da Ribeira, ou em wagon na estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.ª, 21\$000; 2.ª, 16\$000; 3.ª, 13\$500 REIS

Isto sem desconto algum

FABRICA: LARGO do MARTYR

A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor

Proprietarios: **PEIXOTO, RIBEIRO & C.ª**

ESPINGARDAS DE CAÇA E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, formando-os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os systemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a CASA LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possível encontrar uma unica espingarda igual ás que esta casa vende.

Chegou tambem o sortimento de cartuchos de caça e para tiro aos pombos. Accessorios de caça e pesca

Prana «Sparklets»
Vibrador «Varno»
Sorvetelras, etc., etc.

CASA LINO

40, Praça de D. Pedro, 41
PORTO

PAPEIS PARA FERRAR CASAS

Das principaes fabricas estrangeiras acaba de receber um variado e importante sortido o deposito da Fabrica de

Antonio Cardoso da Rocha

178, R. de Santo Antonio. 180-PORTO

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc., etc.

AZULEJOS

FABRICA DE LOUÇA DAS DEVEZAS

DE

José ereira Valente, Filhos

RUA D. LEONOR, 114 A 134

Villa Nova de Gaya — Devezas

Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra. Artigos de saneamento e decorativo. Fabrico especial em azulejo fino a rivalisar com o melhor estrangeiro.

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo lugar. Cuidado, pois.

Preços os mais convidativos

Endereço telegraphico: AZULEJOS — Telephone, 279

Estabelecimento de Mercearia e Deposito de Garrações

DE MARQUES & ARAUJO

LIMITADA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua de S. João, 44 e 45 — Porto

Telephone, 616

Uma visita á
PHOTOGRAPHIA CARVALHO
R. do Passio Alegre, 27 e 29
ESPINHO

TODOS os trabalhos photographicos. Retratos em porcelana. Retratos coloridos a óleo, aguarella e pastel. Retratos em esmalte, semi-esmalte e marfim. Miniaturas a óleo para medallhas, o que ha de mais moderno e artistico. Efectos de luz, novidade, etc., etc. Officina de mechanica, de cartoneagem e photographia moderna. Ampliações e reproduções de qualquer retrato. Transformação de vestidos e penteados

Preços sem competencia

Vidraria S. Bento

DE

Manoel Alves Barbosa

Praça Almeida Garrett, 20
PORTO

Especialidade em crystaes, vidrarias diferentes, porcelanas, candieiros, louças estrangeiras e nacionaes e uma infinidade d'artigos pertencentes a este ramo.

AGUA DO BARREIRO

Cura radicalmente a ANEMIA, CHLOROSE, as DOENÇAS do ESTOMAGO e MENSTRUACÕES DIFFICEIS

Deposito em Ovar:
Viuva de Silva Cerveira.

MOREIRA, GUIMARÃES & C.ª

37, PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 38-A

Exposição de todas as novidades recebidas directamente de Paris, Londres, Berlim e Vienna

Especialidade em tecidos para campo e praia
ATELIER DE MODISTA

Enviem-se amostras na volta do correio

FOSFODOGLICINA De Lemos & Filhos

Maravilhoso medicamento para a cura das escrophulas, rachitismo, anemia, neurasthenia, etc. Ensaiado com grande exito em quasi todos os hospitaes do paiz, recommendado por centenas e attestados medicos de professores, especialistas, etc. Pelo aspecto, pelodsabor, e pelos magnificos resultados que produz, é superior ao oleo de fi gado de bacalhau, e seus derivados.

Milhares de curas. Especifico para as creanças fracas

DEPOSITOS GERAES

Porto — Pharmacia Lemos & Filhos. Praça de Carlos Alberto, 31.
Lisboa — Drogaria Pimentel & Quintans. Rua da Prata, 194

A' venda em todas as pharmaeias e drogarias do reino
Preço conforme a quantidade

José Bernardo Carlos das Neves

224, Rua das Flores, 226 (Esquina do Souto) - PORTO
(CASA FUNDADA EM 1776)

Especialidade em CHA' e CAFE' de todas as qualidades e todos os preços. ASSUCAR de todas as qualidades, CHOCOLATE nacional e estrangeiro.

KROQUETTES de chocolate em caixinhas de phantasia. MASSAS alimenticias. CONSERVAS e muitos outros generos e artigos por preços rasoaveis.

CAFE' de FAMILIA especialidade d'esta casa 500 rs. o kilo

IMPORTAÇÃO DIRECTA
PUREZA das QUALIDADES

TYPOGRAPHIA

DE

JOSÉ F. DA FONSECA & FILHO

72 — Rua da Picaria, 74 — PORTO

N'esta typographia, que acaba d'obter um consideravel melhoramento no seu machinismo e uma grande quantidade de phantasias, executam-se com esmero todos os trabalhos typographicos.

Preços modicos e brevidade nos trabalhos.

Especialidade em bilhetes de visita e em trabalhos de phantasia

ALBERTO MILHEIRO

Cirurgião dentista

Prothese e operações dentarias

PASSEIO ALEGRE, 10-1.º
(Em frente ao corsto da Graciosa)
ESPINHO

MEZ DO SACRADO CORAÇÃO
PARA USO DE QUEM TEM
POUCO VAGAR
Preço — 50 reis

Vendem-se na Typographia
Fonseca & Filho Rua da
Picaria, 74 e nas Livrarias.

FLORES
ao SS. Coração
de Jesus

REGENERADOR LIBERAL OVAR

ILL.ºº SNR.